



Eixo 1 - Não deixar ninguém para trás

## O povo do livro: conexões do judaísmo com a biblioteconomia

*The People of the Book: connections of judaism with library science*

**Mariana Holub Slomp** – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) –  
mariana.holub@grad.ufsc.br

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar as relações entre a Biblioteconomia, estendendo-se, em certos aspectos, à Arquivologia e a cultura judaica, com ênfase na preservação documental e na centralidade dos registros escritos. Metodologicamente, consiste em uma pesquisa qualitativa e exploratória baseada em levantamento bibliográfico, análise documental, observação participante e história oral. Os resultados, organizados em cinco eixos temáticos, identificam convergências com a Ciência da Informação, evidenciando práticas arquivísticas antigas, rituais documentais e a atuação das sinagogas como espaços de memória e ensino. Conclui-se que o judaísmo constitui uma civilização essencialmente livrocêntrica, cujas especificidades textuais e institucionais demandam maior engajamento interdisciplinar para preencher lacunas na literatura acadêmica da área.

**Palavras-chave:** Judaísmo. Grupo religioso. Biblioteca. Sinagoga.

**Abstract:** This paper analyzes the relations between Library Science, extending in certain aspects to Archival Science, and Jewish culture, emphasizing document preservation and the centrality of written records. Methodologically, it is a qualitative, exploratory research based on a literature review, document analysis, participant observation, and oral history. The results, organized into five thematic axes, identify convergences with Information Science, highlighting ancient archival practices, ritual documentation, and the role of synagogues as spaces for memory and learning. It concludes that Judaism constitutes an essentially book-centric civilization, whose textual and institutional specificities demand greater interdisciplinary engagement to fill academic gaps.

**Keywords:** Judaism. Religion. Libraries. Synagogues.



## 1 INTRODUÇÃO

A designação dos judeus como 'o povo do livro' (Gilles, 1983, p. 124, tradução própria) reflete a centralidade do estudo e do debate textual na estrutura dessa etnoreligião.

Das obras fundamentais, destacam-se a *Torah* (תורה), composta pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, também denominado Pentateuco; o *Tanakh* (תנ"ך), que corresponde, em grande medida, ao conjunto do Antigo Testamento, visto que o judaísmo apresenta distinções quanto à organização e à canonização dos textos, sendo seu nome um acrônimo formado por *Torah* (תורה), *Nevi'im* (נביאים) e *Ketuvim* (כתובים); e o *Talmud* (תלמוד).

Este último tem origem na tradição de transmissão exclusivamente oral da *Torah* (תורה) até o século II a.E.C., quando, em decorrência da expansão da diáspora judaica e das recorrentes perseguições, que fragilizavam os mecanismos tradicionais de transmissão oral, um rabino da época passou a conceber a sistematização por escrito desses ensinamentos como estratégia indispensável à preservação da identidade judaica.

Esse processo resultou na compilação da *Mishná* (משנה), escrita em hebraico, à qual, posteriormente, foram acrescentados comentários, debates e interpretações elaborados por outros rabinos e escritos em aramaico, constituindo a *Guemará* (גמרא). Destaca-se a existência de duas versões principais do *Talmud*, decorrentes de diferentes contextos geográficos da diáspora: o *Talmud* de Jerusalém e o *Talmud* da Babilônia (Azria, 2000, p. 48).

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar as relações entre a Biblioteconomia, a Arquivologia e a cultura judaica, com ênfase na preservação documental, na centralidade dos registros escritos e nos processos de organização e representação do conhecimento.

Propõe-se também, em caráter interpretativo, um paralelo com a tradição talmúdica, na qual o conhecimento é construído de forma dialógica e cumulativa, a partir da reflexão de sujeitos inseridos na própria tradição. Com essa perspectiva, a produção acadêmica sobre a cultura judaica pode ser entendida como um espaço de construção e sistematização de conhecimentos, contribuindo para a formulação de uma epistemologia judaica.



Por fim, busca-se apresentar a representação de saberes e grupos historicamente marginalizados nos sistemas de informação, à luz de perspectivas decoloniais e das especificidades da experiência judaica.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em levantamento bibliográfico e análise documental. Considerando a escassez de estudos sobre a temática, incorpora-se também observação participante em contextos judaicos. Ademais, recorre-se a elementos de história oral, a partir de interlocuções informais com membros da comunidade, cujos relatos contribuem para a compreensão das práticas e significados atribuídos aos acervos e às instituições analisadas.

O levantamento bibliográfico iniciou-se na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), por meio dos termos "judaísmo", "judaico", "sinagoga" e "judeus". A busca pelo termo "judaísmo" recuperou três registros, dos quais dois correspondiam ao mesmo trabalho, resultando em apenas um artigo relevante para a pesquisa. O termo "judaico" retornou dois registros, nenhum deles relacionado ao objeto de estudo. A busca por "sinagoga" recuperou dois registros idênticos, embora apresentasse aproximações temáticas com a presente pesquisa, a análise de seu conteúdo indicou baixa aderência aos objetivos e ao recorte proposto, razão pela qual não foi incorporado ao referencial teórico. Por fim, o termo "judeus" resultou em nove registros, dos quais três eram duplicados e um que já havia sido recuperado pelas demais buscas, restando apenas dois novos trabalhos, que também não apresentaram contribuições significativas para a discussão desenvolvida.

Com o objetivo de ampliar o mapeamento da produção científica da área, foram realizadas buscas pelos mesmos termos nos anais das edições 25ª a 30ª do próprio Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), abrangendo o período de 2013 a 2024. Não foram identificados trabalhos diretamente relacionados ao tema investigado, reforçando a constatação da baixa representatividade dessa temática nos espaços de produção científica da área.

Diante da limitação de literatura especializada, recorreu-se também à consulta de obras pertencentes ao acervo pessoal da autora e a materiais localizados no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina. Na Biblioteca Universitária



foram identificadas obras relacionadas à língua hebraica, à história judaica e a aspectos culturais do judaísmo. Na Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação, destacou-se a localização de uma obra dedicada à classificação bibliográfica judaica, considerada particularmente relevante para a construção do diálogo entre a tradição judaica e a Biblioteconomia.

Em situações nas quais determinadas práticas ou narrativas recorrentes nas comunidades judaicas encontravam pouca correspondência na literatura acadêmica, foram realizadas buscas complementares em mecanismos de pesquisa na internet, com o objetivo de localizar registros publicados sobre tais questões. Os materiais encontrados foram utilizados de forma criteriosa e complementar, considerando sua pertinência ao objeto de estudo.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A articulação entre levantamento bibliográfico, análise documental e dados empíricos, oriundos de observação participante e interlocuções informais, evidencia não apenas a permanência da escrita como eixo estruturante da cultura judaica, mas também as lacunas existentes na produção acadêmica sobre o tema.

Nesse contexto, a análise do material reunido permitiu identificar diferentes pontos de convergência entre a Ciência da Informação e o judaísmo. Para fins de sistematização, os resultados e discussões foram organizados em cinco eixos temáticos, os quais evidenciam aspectos centrais dessa interface e contribuem para compreender as múltiplas relações entre informação, memória, documentação e tradição judaica.

#### **3.1 Testemunho de Práticas Arquivísticas no Judaísmo Antigo**

Os Manuscritos do Mar Morto constituem um importante testemunho da longevidade da cultura judaica no que se refere à valorização dos livros, da documentação e, em sentido mais amplo, dos arquivos. Sua descoberta remonta a 1947, quando um jovem árabe encontrou, em uma caverna na região de Qumran, o primeiro rolo manuscrito (Vermes, 2008, tradução própria). Esse achado inicial revelou-se parte de um conjunto significativamente mais amplo, totalizando cerca de 800 manuscritos, datados entre o século II a.E.C. e o século I E.C. (Vermes, 2008, p. 19-64, tradução própria).

Os textos encontrados abrangem uma variedade de gêneros, incluindo normas comunitárias, prescrições legais e composições poéticas, oferecendo um panorama



abrangente das práticas religiosas, sociais e culturais de uma comunidade judaica estabelecida há mais de dois mil anos.

### 3.2 Práticas Documentais no Ciclo de Vida

A relevância da documentação no judaísmo também se estende ao ciclo de vida, contemplando registros rituais e jurídicos fundamentais, tais como o *Brit Milá* (ברית מילה), que é a circuncisão realizada no oitavo dia de vida do menino; o *Bar Mitzvah* (בר מצוה) e o *Bat Mitzvah* (בת מצוה), marcos de maioridade religiosa, aos treze anos para meninos e doze para meninas; a *Ketubah* (כתובה), o contrato matrimonial; e o *Guet* (גט), documento formal de divórcio.

Em decorrência das perseguições históricas sofridas pelas comunidades judaicas, especialmente no contexto europeu, muitas famílias perderam seus registros documentais. Tal perda implicou, em diversos casos, a necessidade de que seus descendentes, ainda que nascidos e criados como judeus, passassem pelo processo formal de conversão, denominado *Gyur* (גיור), também compreendido como um “retorno”, a fim de obter reconhecimento documental de sua judaicidade. Embora essa situação não seja discutida na literatura acadêmica, trata-se de uma questão recorrente em contextos judaicos.

### 3.3 Expressão Escrita

Outro aspecto que evidencia a centralidade da escrita na cultura judaica é o desenvolvimento de línguas judaicas de base indo-europeia grafadas com o alfabeto hebraico. As obrigações religiosas contribuíram para que a alfabetização em hebraico fosse amplamente difundida entre os judeus (Berezin, 2003). No cotidiano, entretanto, utilizavam-se as línguas locais, frequentemente sem acesso pleno à escrita formal, em razão das restrições educacionais impostas às populações judaicas em diversos contextos históricos.

O exemplo mais emblemático desse fenômeno é o *yiddish*, termo que, na própria língua, significa “judeu” (Szuchman, 2012, p. 53). Originado nas regiões franco-germânicas, às margens do rio Reno, entre os séculos X e XI (Guinsburg, 2004, p. 145), o *yiddish* é escrito com caracteres hebraicos, da direita para a esquerda. Diferentemente do hebraico, apresenta marcação explícita de vogais na escrita. Sua estrutura gramatical é predominantemente germânica, com vocabulário majoritariamente de origem alemã, incorporando elementos do hebraico e do aramaico (Bunse, 1983, p. 23).



O declínio do *yiddish* ao longo do século XX está diretamente relacionado à *Shoah* (שואה), termo utilizado pelos judeus para designar o Holocausto, uma vez que grande parte de seus falantes concentrava-se na Europa Oriental. Estima-se que, antes desse evento, a população judaica mundial girasse em torno de 15 milhões de pessoas, das quais aproximadamente seis milhões foram assassinadas, sendo a maioria das vítimas falantes de *yiddish*.

#### 3.4 A Sacralidade dos Acervos

Um aspecto relevante no tratamento de textos sagrados no judaísmo é a prática da *genizah* (גניזה). Determinadas obras, como o *Sefer Torah* (ספר תורה) — rolo manuscrito contendo os cinco livros da *Torah*, sofrem desgaste ao longo do tempo, tornando-se inadequadas para uso litúrgico. Contudo, tais materiais não podem ser descartados de maneira ordinária, uma vez que contêm o nome divino.

Como solução, recorre-se à *genizah*, espaço reservado no interior da sinagoga, que pode assumir diferentes formas, como salas, compartimentos ou recipientes específicos, destinado ao armazenamento desses textos. Quando esse espaço atinge sua capacidade, os materiais são destinados ao enterramento em cemitérios judaicos, acompanhado de rituais apropriados.

A respeito dessa prática, o rabino Dust Klass (2022), em tradução livre, descreve: “realizamos uma ou duas orações; em seguida, depositamos silenciosamente as fronhas contendo os livros na sepultura e recitamos o *Kaddish d’rabanan* (קדיש דרבנן), uma oração por meio da qual honramos nossos mestres”.

#### 3.5 Sinagogas como Espaços de Preservação e Organização do Conhecimento

Todos esses aspectos centrados em livros, característicos do judaísmo, manifestam-se de forma particularmente significativa em uma de suas principais instituições: a sinagoga. Após a Destruição do Segundo Templo, no ano 70 E.C., e no contexto da diáspora, a sinagoga consolidou-se como a principal instituição de preservação e transmissão da tradição judaica (Schiffman, 1991, tradução própria).

O termo “sinagoga” tem origem no grego, enquanto, em hebraico, essa instituição é designada por diferentes expressões que refletem suas múltiplas funções: *Beit HaTefilah* (בית התפילה), “casa de oração”; *Beit HaMidrash* (בית המדרש), “casa de estudo”; e *Beit HaKnesset* (בית הכנסת), “casa de reunião” (Finkelstein, 1974, tradução própria). Ressalta-se que, em *yiddish*, as sinagogas são frequentemente denominadas



*shul* (שול), termo derivado do alemão *Schule* (“escola”), evidenciando sua dimensão educacional.

A sinagoga, enquanto *Beit HaMidrash* (בית המדרש), exerce uma função formativa que se estende por diversos aspectos da vida judaica. Tal dimensão educacional manifesta-se em práticas como a instrução de crianças, a leitura e a exposição das Escrituras durante os serviços religiosos, bem como em sessões regulares de estudo destinadas a adultos e a estudiosos locais (Levine, 1981, p. 3, tradução própria). Soma-se a isso o processo formativo necessário para a realização do *Bar Mitzvah* (בר מצוה) e do *Bat Mitzvah* (בת מצוה).

Ademais, as sinagogas podem ser compreendidas não apenas como espaços de ensino, mas também como centros culturais judaicos. É recorrente que essas instituições abriguem atividades como palestras, lançamentos de livros, cursos e workshops, consolidando-se como polos de difusão cultural. Considerando a histórica centralidade dos textos e documentos na cultura judaica, a presença de acervos bibliográficos nas sinagogas revela-se não apenas comum, mas estrutural à vida comunitária.

Observa-se que as sinagogas possuem um funcionamento, em diversos aspectos, semelhante ao das bibliotecas públicas, além de sua função religiosa, que, no caso das sinagogas reformistas, pode não constituir seu foco principal.

Nesse contexto, a produção escrita judaica abrange uma diversidade temática suficientemente ampla para sustentar sistemas próprios de organização do conhecimento (Elazar, 1997, tradução própria). Um exemplo disso é a *Classification System for Libraries of Judaica*, desenvolvida por David e Daniel Elazar na década de 1950, nos Estados Unidos. Tal sistema baseia-se, em grande medida, na Classificação Decimal de Melvil Dewey, o que suscita críticas, especialmente considerando o caráter historicamente centrado no cristianismo desse modelo e os relatos de exclusão e tratamento discriminatório de bibliotecários judeus em instituições sob a influência de Dewey (Haider, 2026).

Tal complexidade também se reflete nos instrumentos bibliográficos utilizados internacionalmente, uma vez que o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), ao tratar dos títulos uniformes para obras judaicas, remete à *Encyclopedia Judaica* como fonte de autoridade para a padronização desses registros. Esse direcionamento



evidencia o reconhecimento, no âmbito da Biblioteconomia, das especificidades da tradição textual judaica e da necessidade de instrumentos especializados para sua adequada representação e recuperação da informação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até os dias atuais, os livros permanecem como uma instituição fundamental na sociedade judaica, e sua trajetória histórica e tradição corroboram a caracterização dos judeus como uma civilização livrocêntrica (Roitman, 2002). Tal centralidade manifesta-se de forma concreta nas práticas analisadas ao longo deste trabalho, como a preservação de acervos, o tratamento específico de textos sagrados, a documentação das etapas da vida e o papel das sinagogas como espaços simultâneos de culto, estudo e organização do conhecimento.

Destaca-se, também, a necessidade de maior engajamento de áreas como a História, a Arqueologia e a Antropologia. Defende-se que tais campos ampliem suas abordagens sobre as relações entre judaísmo, livros e práticas documentais, a fim de superar lacunas analíticas e contribuir para uma compreensão mais consistente dessas dinâmicas no âmbito das ciências humanas e das ciências da informação.

#### REFERÊNCIAS

- AZRIA, Régine. **O judaísmo**. Bauru: EDUSC, 2000. 243 p.
- BEREZIN, Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: Editora Edusp, 2003.
- BUNSE, Heinrich A. W. **O ídiche**: a língua familiar dos judeus da Europa oriental e sua literatura. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1983.
- ELAZAR, David H.; ELAZAR, Daniel J. **A Classification System for Libraries of Judaica**. 3ª ed. New Jersey: Jason Aronson, 1997.
- FINKELSTEIN, Louis. *The Origin of the Synagogue*. In: GUTMAN, Joseph (org.). **The Synagogue**: studies in origins, archeology and architecture. New York: Ktav Publishing House, 1975.
- GILLES, Anthony E. **The People of the Book: the story behind the old testament**. EUA: St. Anthony Messenger Press, 1983.
- GUINSBURG, J. Uma língua-passaporte: o ídiche. **Revista USP**, São Paulo, n. 15, p. 145–149, 1992. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25677>. Acesso em: 29 abr. 2026.



HAIDER, Salman. Melvil Dewey. *Librarianship Studies & Information Technology*, 5 fev. 2026. Disponível em: <https://www.librarianshipstudies.com/2019/02/melvil-dewey.html>. Acesso em: 30 abr. 2026.

KLASS, Dusty. *Genizah: A Proper Burial*. **Temple Beth El**, 27 mai. 2022. Disponível em: <https://templebethel.org/genizah-a-proper-burial/>. Acesso em: 30 abr. 2026.

KIBUUKA, Brian. **A Torá Comentada**: edição bilingue hebraico. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

LEVINE, Lee I. *Ancient Synagogues: an introduction*. In: LEVINE, Lee I. (ed.) *Ancient Synagogues Revealed*. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1981.

ROITMAN, A. *El judaísmo: una civilización libro-céntrica*. **Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas** (México), v. 5, n., 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/82849>. Acesso em: 01 mai. 2026.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *From Text to Tradition: a history of second and rabbinic judaism*. New Jersey: Ktav Publishing House, 1991.

SZUCHMAN, Esther. Língua e Identidade: o ídiche e o hebraico no contexto histórico da educação judaica no Brasil. **Revista Vértices**, São Paulo, n. 13, p. 50-72, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/vertices/en/article/view/179315>. Acesso em: 29 abr. 2026.

VERMES, Geza. *The Dead sea scrolls: a selection of original manuscripts translated and edited by Geza Vermes*. London: The Folio Society, 2008.

